



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixos Temáticos:

1. INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA
2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO:
SUAS MÚLTIPLAS FACES
3. PARTICIPAÇÃO: DIREITOS HUMANOS, POLÍTICA E CIDADANIA
4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA
5. MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE, CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA
6. CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PRODUÇÃO, DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO
7. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL
8. MIGRAÇÕES NO CONTEXTO ATUAL: DA AUSÊNCIA DE POLÍTICAS
ÀS REAIS NECESSIDADES DOS MIGRANTES
9. MÍDIA, NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho 2012
Curitiba - Brasil

ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixo 4

“CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA”

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

MR4.1. Sociedade e Cultura de Fronteira

EMENTA

Esta mesa propõe-se a discutir fronteiras no Prata, contemplando diferentes temporalidades e espacialidades com enfoques voltados aos guaranis, às missões jesuíticas, aos migrantes dos séculos XIX e XX e às ideologias nacionalistas e de integração. Poderão ser trazidos ao debate estudos e reflexões que apontam para relações sociais transfronteiriças, para vivências à margem das intencionalidades oficiais e de discursos hegemônicos. A composição da mesa proposta atentou para a inserção interinstitucional, para a interdisciplinaridade e vínculos com programas de pós-graduação que trabalham com fronteiras.

Coordenador: Valdir Gregory – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE - BRASIL)
Carmen Curbelo: Universidad de la Republica Uruguay - (UDELAR - URUGUAY)
Ernelo Schallenger – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE – BRASIL)
Jones Dari Goeter: Universidade Federal da Grande Dourados - (UFGD - BRASIL)
Ricardo Carlos Abinzano: Universidad Autónoma de Misiones – (ARGENTINA)

RESUMOS APROVADOS

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL LATINO-AMERICANO: O TRADICIONALISMO E A IDENTIDADE GAÚCHA (autor(es/as): Ana Carolina Rios Gomes)

O RAP ENTRE FRONTEIRAS: PRÁTICAS ESTÉTICO-MUSICAIS LATINO AMERICANAS (autor(es/as): Angela Maria de Souza)
REMANESCENTES DAS REDUÇÕES JESUÍTICAS DE NOSSA SENHORA LORETO E SANTO INÁCIO MINI NA PROVÍNCIA DO GUAIRÁ-1608-1639 (autor(es/as): BERENICE SCHELBAUER DO PRADO)

O CIRCUITO ROCKEIRO NA TRÍPLICE FRONTEIRA (autor(es/as): Franciele Cristina Neves)

A SOCIEDADE DE CONSUMO: ANÁLISES NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E PARAGUAI (autor(es/as): Luana Caroline Künast Polon)

Cortando a cerca: uma escola do campo frente a multiculturalidade contemporânea (autor(es/as): Lydia Maria Assis Brasil Valentini)

Movimento Hip-Hop como manifestação cultural: Uma análise do léxico de letras de rap em Foz do Iguaçu. (autor(es/as): RONALDO SILVA)

INTEGRALIZAÇÃO LATINOAMERICANA: AFIRMAÇÃO CULTURAL OU JOGADA IMPERALISTA? (autor(es/as): Victor Alves Pereira)

Sankofá- Abaeté: Construindo diretrizes, resgatando nossas raízes (autor(es/as): Vilisa Rudenco Gomes)

SAÚDE SEM FRONTEIRAS - REDE BINACIONAL DE SAÚDE NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI (autor(es/as): Daniela da Rosa Curcio et alii.)

MR4.2. Apropriação, Usos do Território e Práticas Sociais Diferenciadas

EMENTA

Os trabalhos da presente mesa circunscrevem-se às pesquisas que vêm sendo desenvolvidas pelos participantes, que têm como referência diferentes sujeitos (quebradeiras de coco babaçu, quilombolas, ribeirinhos e trabalhadores rurais dentre outros) e práticas sociais, em distintos contextos. Os trabalhos explicitam diversos aspectos da problemática relativa à organização, apropriação e uso do território. O fio condutor das reflexões está referido às diferentes formas e estratégias utilizadas por esses sujeitos face às definições e redefinições recentes do território.

Coordenador: Joaquim Shiraishi Neto: Universidade estadual do Amazonas - (UEA - BRASIL)
Luís Fernando Cardoso e Cardoso: Universidade Federal do Pará - (UFPA - BRASIL)
Rosirene Martins Lima: Universidade estadual do Maranhão - (UEMA - BRASIL)
Ana Paulina Aguiar Soares: Universidade estadual do Amazonas – (UEA - BRASIL)

MEMÓRIAS DA GUERRA DO CONTESTADO- A CULTURA POPULAR ATRAVÉS DA RELIGIOSIDADE NO MONGE JOÃO MARIA DE JESUS EM MARILÂNDIADO SUL. (autor(es/as): Bruno Augusto Florentino)

DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E SUA INTERFACE NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DO MUNICÍPIO DE ROSANA-SP (autor(es/as): CLEDIANE NASCIMENTO SANTOS)

REFLEXÕES ENTRE A MANUTENÇÃO DAS IDENTIFICAÇÕES RURAIS E A INFLUÊNCIA DAS MODERNIDADES NA VILA DO DISTRITO DE GUARAGI - PONTA GROSSA (PR) (autor(es/as): FABELIS MANFRON PRETTO)

ÍNDIOS, TAPUIOS E “CABOCOS”. CULTURAS E IDENTIDADES MARGINAIS NA MANAUS DE ONTEM E HOJE. (autor(es/as): PAULO MARREIRO DOS SANTOS JÚNIOR)

TOPOFILIA & TOPOFOBIA – TOPOCIDIO & TOPO-REABILITAÇÃO: A MERCANTILIZAÇÃO DA CULTURA EXPRESSA NO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO DE DIAMANTINA-MG (autor(es/as): RAHYAN DE CARVALHO ALVES)

ARELAÇÃO SER HUMANO/NATUREZA – REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO. (autor(es/as): ROSANA BARROSO MIRANDA).

MR4.3. Territórios, Memórias e Identidades latino-americanas

As ciências humanas e em especial as sociais desenvolveram no século XX teorias e metodologias para compreender e explicar como se elaboraram concepções de territórios, memórias e identidades, sobretudo na produção intelectual latino-americana. Atualmente, os estudos de caráter socioambiental contribuem sobremaneira com esses avanços, especialmente se forem considerados os aportes da antropologia, da geografia cultural, da história, da psicologia social e da sociologia. Além de localizar esses avanços, é fundamental trazer para o debate os resultados das pesquisas realizadas com esses múltiplos enfoques entre as dimensões da natureza e da sociedade

Coordenação: Salete Kozel – Universidade Federal do Paraná - (UFPR – BRASIL)
Maria Geralda de Almeida: Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade de Goiás - (IESA/UFG – BRASIL)
Álvaro Luiz Heidrich: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – (UFRGS – BRASIL)
Sandra Valeska Fernandez Castillo: Universidad de Concepción - (CHILE)
Alicia M. Lindon Villoria: Universidad Autónoma Metropolitana - (UAM – MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

“OUTROS” IMAGINADOS: AS REPRESENTAÇÕES DOS CIDADÃOS LATINO-AMERICANOS SOBRE AS CIDADES PRÓXIMAS E DISTANTES (autor(es/as): **Carla Beatriz Santos Menegaz**)

100 Anos de História: Alguns Elementos Formadores da Identidade Cultural do Território do Contestado (autor(es/as): **FLAVIA ALBERTINA PACHECO LEDUR**)

Guimarães Rosa no labirinto chamado América Latina (autor(es/as): **Iolanda Cristina dos Santos**)

Los lugares de Memoria como lugares de Aprendizaje, tres estudios de caso: Santiago de Chile y Medellín-Colombia” (autor(es/as): **Karen Andrea Vásquez Puerta**)

A FESTA KALUNGA DE NOSSA SENHORA DE APARECIDA: IDENTIDADE TERRITORIAL E REAPROXIMAÇÃO ÉTNICA (autor(es/as): **Luana Nunes Martins de Lima**)

REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS E SIMBÓLICAS: AS IDENTIDADES DAS FESTAS DO BOI-A-SERRA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO (autor(es/as): **Maisa França Teixeira**)

A construção do Patrimônio Cultural a partir do imaginário da população de Marechal Cândido Rondon - PR: um estudo sobre o lugar de memória Casa Gasa (autor(es/as): **Paulo Henrique Heitor Polon**)

A INFLUÊNCIA DO TURISMO NA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL: O CASO DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO (autor(es/as): **Saulo Ribeiro dos Santos**)

IDENTIDADE E FÉ NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DE SERGIPE (autor(es/as): **Solimar Guindo Messi as Bonjardim**)

MR4.4. Espaço, gênero e sexualidades na América Latina

EMENTA

A mesa redonda tem como objetivo realizar uma reflexão sobre as relações de gênero que envolvem o processo de organização social, econômica e cultural dos territórios da América Latina, evidenciando as hierarquias e desigualdades baseadas nos papéis sociais insituídos para homens e mulheres.

Coordenadora: Joseli Maria Silva - Universidade Estadual de Ponta Grossa – (UEPG - BRASIL)

Marlene Tamanini: Universidade Federal do Paraná – (UFPR - BRASIL)

Diana Lan: Universidad Nacional del Centro – (UNC - ARGENTINA)

Maria das Graças Silva Nascimento Silva: Universidade Federal de Rondônia – (UFR – BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

A MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES E A CULTURA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS (autor(es/as): **ALEXANDRA PINGRET**)

PELOTÓN MARIANA GRAJALES: O OLHAR DA REVISTA MUJERES NO ANO DE 1971 (autor(es/as): **Andréa Mazurok Schactae**)

NA ARGENTINA TANGOS, NO BRASIL TRAGÉDIAS! LÁ MATRIMONIO IGUALITÁRIO, AQUI UNIÃO CIVIL (autor(es/as): **CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES**)

ECONOMIA SOLIDÁRIA, RELAÇÕES DE GÊNERO E COLETADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL: LIMITES E AVANÇOS (autor(es/as): **Edinara Terezinha de Andrade**)

As mulheres do tráfico e a violência de gênero (autor(es/as): **Fernanda Pereira Luz**)

ARTICULAÇÕES EM REDE NA AMÉRICA LATINA: O CASO DE CDDLA E “CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR” NO BRASIL (autor(es/as): **Francine Magalhães Brites**)

OS SUJEITOS NA MARGEM DA CULTURA - CONFLITOS NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS LATINO AMERICANOS (autor(es/as): **Gustavo Luiz Ferreira Santos**)

Habilidades Sociais e Sexualidade: A construção Identitária na Adolescência (autor(es/as): **Priscilla de Castro Campos Leitner**)

AS UNIÕES HOMOAFETIVAS CONFORME O BLOCO DE CONSTITUCIONALIDADE E UMA PROTEÇÃO NORMATIVA GLOBAL: GARANTINDO DIREITOS HUMANOS (autor(es/as): **Rafael da Silva Santiago**)

POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE LGBT NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DO PARANÁ: UMA REFLEXÃO SOBRE SUAS APLICABILIDADES NO CONTEXTO DA EJA E PROEJA (autor(es/as): **Reinaldo Kovalski de Araujo**)

O MEDO NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO DA PERIFERIA DE DIFERENTES ÁREAS URBANAS DE PONTA GROSSA, PR (autor(es/as): **RENATO PEREIRA**)

MR4.5. Sociedades Tradicionais: imagens, tempo, espaço e saberes sobre a natureza

EMENTA

Em sua interação com a natureza, com distintas conformações, as chamadas “sociedades tradicionais” ou as sociedades originárias, constroem, historicamente, em seu universo mental, imaginário e práticas ecoprodutivas, uma cultura própria que envolve o conhecimento e respeito aos ciclos e movimentos naturais, atribuindo significado à sua vida material e imaterial – aos espaços ou territórios de que fazem parte. Isso envolve ritmos de tempo diferenciados dos ritmos caracteristicamente produtivistas que regem as sociedades urbano-industriais, os quais se pautam, fundamentalmente, numa temporalidade cronometrada e aritmetizada – no tempo da fábrica. Contrapor essas diferentes culturas, em sua lógica própria, focalizando, particularmente, as imagens, ritmos temporais, territorialidades e saberes patrimoniais das “sociedades tradicionais” e/ou originárias, significa pensarmos numa política de futuro na qual se inscreva o grande legado que tais sociedades detêm no trato com a natureza, com base em sua cosmovisão, práticas e expressões culturais próprias, para a construção de novas formas societárias, numa síntese histórica, de futuros inéditos.

Coordenadora: Lúcia Helena de Oliveira Cunha: Universidade Federal do Paraná (UFPR – BRASIL)

Carlos Galano: Universidad Nacional de Rosario - (UNR- ARGENTINA)

Carlos Walter Porto Gonçalves: Universidade Estadual do Rio de Janeiro - (UERJ- BRASIL)

Liliana Porto: Universidade Federal do Paraná - (UFPR-BRASIL)

Arturo Argueta: Universidad Nacional Autónoma de México - (UNAM-MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

RESUMOS APROVADOS

MULTICULTURALISMO, TURISMO E COMUNIDADES TRADICIONAIS: CAMPOS DE COEXISTÊNCIA E VIVENCIALIDADE? (autor(es/as): **Isabel Jurema Grimm**)

Seringueiros do Acre - Imaginário e Paisagem Cultural (autor(es/as): Janaína Mourão Freire).

AS PAISAGENS CULTURAIS DO/NO ESPAÇO FESTIVO DA COMUNIDADE ENGENHO II EM CAVALCANTE – GOIÁS: UM OLHAR À LUZ DA GEOGRAFIA CULTURAL (autor(es/as): **JORGEANNY DE FATIMA RODRIGUES MOREIRA**)
RECONHECIMENTO DAS ICCAS (ÁREAS CONSERVADAS POR COMUNIDADES INDÍGENAS E LOCAIS) NAS POLÍTICAS DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL: DISCUSSÕES ATUAIS. (autor(es/as): **Luciene Cristina Risso**)

MR4.6. História e Literatura na América Latina

EMENTA

Na produção historiográfica recente, a literatura vem surgindo como uma fonte que oferece importantes recursos de análise da sociedade. Incorporada solidamente no conjunto de inovações de fontes, métodos e problemáticas que há algumas décadas transformaram a experiência da pesquisa histórica, a literatura está presente hoje numa pluralidade de estudos que pretendem compreender o intrincado universo das experiências mais subjetivas de homens e mulheres. Na América Latina a literatura tem ocupado importante papel no movimento da sociedade. Seja ela abordada desde o ponto de vista da materialidade do livro, da localização social do escritor, de suas “redes de interlocução”, bem como numa análise dos significados do texto, das representações da realidade que ele traz. Pensar a América Latina desde o ponto de vista dessa relação é a reflexão central que norteia o debate aqui proposto

Coordenadora: Ana Amélia de Moura C. de Melo: Universidade Federal do Ceará (UFC - BRASIL)

Tracy Devine Guzman: Duke University of Miami – (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA)

Soledad Falabella Luco: Universidad Diego Portales – (UDP - CHILE)

Adelaide Maria Gonçalves Pereira: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

Ivone Cordeiro Barbosa: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

Cartas de Nova York - José Martí Correspondente (autor(es/as): **Amanda Leite de Sampaio**)

O TURISTA APRENDIZ, DE MÁRIO DE ANDRADE VERSUS EL ZORRO DE ARRIBA Y EL ZORRO DE ABAJO, DE JOSÉ MARIA ARGUEDAS – UMA APROXIMAÇÃO LITERÁRIA E SOCIOLÓGICA NO PANORAMA LATINO AMERICANO (autor(es/as): **CRISTIANO MELLO DE OLIVEIRA**)

O espaço da ficção na identidade em invenção e memória, de Lygia Fagundes Telles (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Jorge Luis Borges e o Populismo Argentino (1946-1955) (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Bahia 1860: o Brasil de Maximiliano (autor(es/as): **Flávia Silvestre Oliveira**)

OS INTELLECTUAIS E A NOVA ATENAS: Um estudo das representações nas obras dos literatos maranhenses no início da Primeira República (autor(es/as): **PATRICIA RAQUEL LOBATO DURANS**)

MR4.7. - Interculturalidade, Identidades e Arte Latinoamericana.

EMENTA

A mesa propõe-se a discutir as questões anunciadas, do ponto de vista da crítica de arte e dos artistas, aqui representados por Hector Guido (teatro) e Pavel Egúez (artes plásticas). A partir do enfoque das políticas de subjetivação e suas interfaces (Suely Rolnik) e da interculturalidade que se acentua na resistência da arte em tempos globais, observada, sobretudo, nas zonas transitórias (Ticio Escobar), quer desencadear o debate sobre os recursos críticos e expressivos que se manifestam na arte atual da nossa América, frente ao “esteticismo brando” regido pelos mercados globais, que desvia o capital simbólico e gera territórios homogeneizados

Coordenadora: Mariza Bertoli – Universidade de São Paulo – (USP – BRASIL)

Maria José Justino: Escola de Música e Belas Artes do Paraná - (EMBAP-PR - BRASIL)

Ticio Escobar: Ministro da Cultura do Paraguai - (PARAGUAY)

Hector Guido: Diretor de Cultura de Montevideú - (URUGUAI)

Gustavo Pavel Egúez: Artista Plástico - (EQUADOR)

RESUMOS APROVADOS

Entre balas e belas - Comunicação e Moda nas favelas cariocas (autor(es/as): **Alexandra Santo Anastacio**)

PAISAGENS CULTURAIS E FRONTEIRAS (autor(es/as): **Beatriz Helena Furlanetto**)

INDÍGENAS: ENTRE REPRESENTAÇÕES E DISCURSOS (autor(es/as): **Eder Augusto Gurski**)

DE LA CULTURA ORAL A LA DIGITAL: SABERES, MEMORIAS Y NARRATIVAS EN LA TRANSCULTURA. PERSPECTIVAS DESDE LA UNIVERSIDAD INDÍGENA DE VENEZUELA (autor(es/as): **Fabiana Anciutti Orreda**)

O ATOR E O GRUPO: DISCURSOS SOBRE O TEATRO FEITO NA UNIVERSIDADE (autor(es/as): **JEAN CARLOS GONÇALVES**)

FESTAS POPULARES E SUAS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS: LUGAR DE PROMOÇÃO DO PERTENCIMENTO E VALORIZAÇÃO DAS CULTURAS SUBALTERNAS. (autor(es/as): **Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama**)

ASPECTOS DA ECONOMIA CRIATIVA NO MERCOSUL A Indústria Fonográfica como fator de aproximação entre Brasil e Argentina (2003 – 2011) (autor(es/as): **marcello de souza Freitas**)

SUSTENTABILIDADE CULTURAL: MANUTENÇÃO, CONSERVAÇÃO E DIFUSÃO DE PEQUENOS ACERVOS - RELATO DE EXPERIÊNCIA

(autor(es/as): **Rafael Schultz Myczkowski**)

FALA JUVENTUDE! UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE JUVENTUDE, CULTURA E LAZER (autor(es/as): Sandra Rangel de Souza)

O Autorretrato Ampliado (autor(es/as): **Terezinha Pacheco dos Santos Lima**)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil



Aspectos da Economia Criativa no MERCOSUL:

O Caso do Brasil e da Argentina (2003–2011)

MARCELLO DE SOUZA FREITAS*

Resumo:

O objetivo geral deste artigo é ampliar e aprofundar nosso conhecimento sobre a indústria da música no Brasil e na Argentina, entre 2003 e 2011, um dos setores mais destacados da economia da cultura desses países, e, ao mesmo tempo, um dos bens culturais mais expressivos, populares e de alcance planetário. Dentre os principais objetivos específicos deste projeto destacam-se a investigação das políticas culturais dirigidas, ou com impacto direto ou indireto, para a indústria da música dos dois países em foco, entre 2003 e 2011. Pretendemos, também, analisar as dinâmicas desse segmento, assim como a de seus respectivos atores, a partir das interações entre Brasil e Argentina.

Palavras-Chave: Indústrias Criativas, Indústrias Culturais, MERCOSUL, 2003 – 2011

Abstract:

This article has its focus on the research of the music industry in Brazil and Argentina, between 2003 and 2010, one of the most powerful sector of the economy of these two countries cultural economy, and, at the same time one of the cultural goods more notorious, popular and with global acceptance. Among the main specifics goals of this project is pinpointed the investigation of the cultural policies aimed, or with impact, direct or indirectly to the music industry of both countries. The intention is, also, to analyze the dynamics of this market, as much as its respective actors, through the interactions between Brazil and Argentine.

Keywords: Creative Industries, Cultural Industries, MERCOSUL, 2003 - 2011

*Mestrando em Relações Internacionais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)



1 – Introdução

Este artigo se propõe a comentar, em linhas gerais, o papel que um maior intercâmbio das produções culturais entre os países membros do MERCOSUL poderia ter como catalisadores do desenvolvimento socioeconômico da região.

Em função do reconhecido protagonismo que as Indústrias Criativas têm hoje na economia mundial, esse setor, se bem articulado na economia do MERCOSUL, poderia se tornar um potente canal para o aproveitamento da riqueza e diversidade cultural da região, gerando uma cadeia de ganhos, que poderiam ser revertidos em benefícios para as comunidades locais.

Por outro lado, o fomento da economia criativa no intercâmbio regional poderia contribuir para a construção de uma identidade compartilhada em relação ao MERCOSUL. Esse tipo de intercâmbio, pelo fato de trabalhar com universo imaterial e simbólico das comunidades locais, pode possibilitar um relacionamento mais aprofundado e promover redefinições das percepções a partir das novas interações intersubjetivas que se sucederão. Nesse contexto, pode ser aberta uma reestruturação cognitiva dos papéis que atualmente agentes e estrutura representam no ambiente regional, fazendo surgir uma nova definição das identidades. Esse seria um caminho para o nascimento de uma cultura em que a vontade de integrar e a noção das vantagens em se integrar estivessem presentes no imaginário coletivo.

Portanto, o argumento defendido por este trabalho é que as Indústrias Criativas, em função do seu potencial econômico e de redefinição de identidades podem se configurar como catalisadores do processo de integração regional.

Considerando o cenário exposto acima, este artigo tem como foco a análise da indústria da música nas interações entre Brasil e Argentina, os dois países com maior peso econômico do bloco, no período entre 2003 e 2011. Identificamos o mercado fonográfico como um dos setores mais destacados da economia da cultura desses países, e, ao mesmo tempo, o seu produto como sendo um dos bens culturais mais expressivos, populares e de alcance planetário.

Estipulamos de 2003 a 2011 como corte cronológico por entendermos que esse período foi marcado por uma inflexão nos rumos do posicionamento do Brasil frente às políticas culturais, tanto internamente quanto para a região. Esse modelo se distanciou daquele adotado pela gestão anterior (FHC/Weffort), que havia se caracterizado pela abertura e domínio do mercado local por conglomerados multinacionais, enquanto o Estado, por sua vez, abriu mão de seu papel ativo como provedor de políticas culturais, se distanciando de uma ação mais ativa, postura condizente com o período



neoliberal. Defendemos que o período considerado neste estudo, caracterizado como regionalismo pós-liberal, inaugura um novo modelo de gestão pelo Ministério da Cultura (MinC). A era Lula/Gil foi marcada pela valorização da produção local, com atuação das pequenas e médias empresas como defensoras da produção cultural local e geradoras de postos de trabalho; pela diversidade cultural e pela retomada de um protagonismo do Estado no setor.

O marco teórico em que se fundamenta este trabalho é a perspectiva construtivista das relações internacionais, mais especificamente o trabalho de Alexander Wendt, pois esta abordagem teórica permite ampliar o panorama dos estudos internacionais na medida em que contempla os interesses e identidades culturais como artefatos socialmente construídos. Portanto, considera o papel da cultura como fundamental para a construção das ideias, dos valores, das normas e das crenças que consolidam as comunidades, as nações e as regiões.

Cabe comentar que este trabalho não está pronto e acabado. A ideia é fazer algumas provocações e abrir o debate para uma reflexão conjunta com a comunidade acadêmica sobre o papel que teriam as indústrias criativas para o desenvolvimento socioeconômico e a integração no MERCOSUL; tema este que consideramos tão importante para se pensar o futuro da região.

Ao longo do artigo, foi feita a opção de tentar posicionar o tema abordado dentro de uma visão mais ampla de como a cultura vem sendo trabalhada na disciplina de Relações Internacionais. Dessa forma, na primeira parte, é desenvolvida uma breve contextualizada em relação a como a disciplina vem se estruturando desde seu surgimento até os dias de hoje, e, dentro desse processo, como os principais autores abordaram o fator cultura em suas respectivas escolas de pensamento. Logo em seguida, será feito um breve comentário sobre como a cultura, a partir de uma leitura estratégica de alguns Estados, passou a ser instrumentalizada como uma poderosa ferramenta de política externa, que ficou conhecida como diplomacia cultural.

Num segundo momento, são feitas considerações sobre a relação entre cultura e desenvolvimento. Nesse ponto, resolvemos chamar atenção para o potencial da indústria da música, entendida como uma das mais fortes entre o leque diversificado de segmentos que compõem as Indústrias Criativas, em função do seu grande potencial econômico somado ao grande potencial produtivo da região. Com isso, são feitas algumas considerações sobre os riscos e oportunidades desse mercado no âmbito do MERCOSUL. Nessa análise, levamos em consideração questões sobre as possibilidades, assim como a utilidade, de se construir uma identidade compartilhada entre os países do



bloco. Levantamos também indagações sobre qual seria o papel dos Estados, no caso os países membros do MERCOSUL, em promover uma incorporação mais proveitosa das Indústrias Criativas nesse processo de integração, com o melhor aproveitamento possível desses benefícios pelas comunidades locais.

2- Cultura e Relações Internacionais

A intenção desse tópico é, em linhas gerais, mostrar que reflexões sobre o fator cultural nas relações internacionais sempre estiveram presentes desde as primeiras análises sobre as dinâmicas entre os Estados. Embora nem sempre exposta de forma direta, sempre se reconheceu a importância e influência que a cultura pode representar para a ação desses atores. Desse ponto de vista, o fator cultural, ao longo do tempo e de acordo com contexto históricos específicos, vem gradativamente ganhando mais proeminência dentro das Relações Internacionais.

Atualmente, num mundo cada vez mais interconectado, em que as distâncias se reduzem, tanto no plano físico como no psicológico, a cultura alcançou uma dimensão primordial, pois passou a configurar-se como peça fundamental para uma maior compreensão das forças que atuam num mundo tão complexo.

- ***O fator cultural nas teorias de relações internacionais***

A cultura, durante grande parte da recente história da disciplina de Relações Internacionais, quase sempre foi relegada a um papel sem muita relevância, como se fosse parte do corpo de figurantes em meio ao elenco principal de uma peça. Contudo, nenhum teórico a desconsiderou completamente, pois, mesmo que o conceito não se enquadrasse perfeitamente no arcabouço teórico que havia desenvolvido, era impossível não perceber sua presença, misteriosa e poderosa, como elemento chave em importantes eventos internacionais.

O conceito “cultura” se desenvolveu paralelamente às análises das relações internacionais e, ao longo dessa estrada, passou por diversos questionamentos, tanto ontológicos como epistemológicos, refletindo assim sua complexidade. Desde que a palavra surgiu na península itálica, no século XIII, com o sentido de “cultivar” a terra (daí a origem da palavra “agricultura”), passando pela versão francesa de cultivo do “ser” com o que há de melhor no mundo, até a versão antropológica americana, surgida nos anos de 1920, com a ideia de que a cultura é o elemento intrínseco e definidor de uma comunidade; sua interpretação definitiva ainda está por vir. Nesse meio tempo, cada



definição que surge reflete um determinado contexto histórico, assim como tem servido como ferramenta sutil de legitimação política (REEVES, 2004).

O relativo fracasso dos ideais liberais e de suas instituições criadas ao fim da Grande Guerra teve um impacto extremamente negativo na visão humanista com que a cultura era entendida até então. Nesse meio tempo, a visão antropológica, que vinha se desenvolvendo nos Estados Unidos desde os anos 20, passou, cada vez mais, a ganhar espaço.

A visão antropológica quebra com a ideia do cosmopolitismo cultural da enfraquecida visão humanista, e traz consigo uma visão menos elitista de cultura, pois defende que cada agrupamento humano possui elementos próprios e características particulares que os definem como uma comunidade cultural. Como pano de fundo desse processo, as primeiras análises realistas começavam a surgir na segunda década do período entre guerras, como foi o caso do livro de Edward Hallet Carr, *20 anos de crise*. Assim, ao fim da Segunda Guerra Mundial, a visão antropológica passou a ganhar uma proeminência cada vez maior, assumindo um lugar antes dominado pela visão humanista (REEVES, op.cit).

Em *A Política entre as Nações*, obra escrita por Hans Morgenthau em 1948 (MORGENTHAU: 2003), por mais que a preocupação central fosse com questões relacionadas à balança de poder, busca pelo poder, segurança nacional e interesses do Estado, o fator cultural não foi deixado de lado. Em sua análise, entende que este poderia ser instrumentalizado como base de sustentação de uma política de poder, representada pela propaganda de Estado e pela ideologia (MORGENTHAU apud LESSA, pp225, 2007).

O chamado segundo grande debate das Relações Internacionais, ocorrido durante a década de 60, passou a contestar a falta de rigor científico das premissas do Realismo clássico. Influenciada pela revolução behaviorista, essa escola passou a trazer o debate metodológico para a disciplina, porém sem abandonar totalmente as fronteiras conceituais do Realismo. Nesse sentido, manteve as tradicionais considerações sobre o papel do Estado como principal ator internacional e sobre a primazia de seus interesses acima de qualquer outro fator, não trazendo, com isso, nenhuma contribuição direta ao estudo do papel da cultura nas relações internacionais. No entanto, passou a contemplar em seu arcabouço analítico contribuições de outras disciplinas, introjetando, assim, uma inédita característica interdisciplinar na visão realista, além de passar a considerar a influência de forças transnacionais nas dinâmicas do sistema internacional (HALLIDAY, 2007). Dessa forma, contribuiu para a ampliação do campo de análise das Relações Internacionais, ampliando o escopo analítico da visão tradicionalista e limitada do Realismo clássico,



permitindo, que, no futuro, houvesse um ambiente acadêmico mais aberto para novas considerações acerca das relações internacionais.

A década de 70, por sua vez, foi palco de decisivas transformações nas relações internacionais e ajustes da ordem sistêmica. A *détente*¹ no conturbado convívio entre americanos e soviéticos, que se iniciara ao final da década de 60 e se prolongava ao longo da década seguinte, possibilitava um ambiente menos conflituoso num contexto de Guerra Fria, promovendo, assim, uma certa estabilidade na ordem internacional. Esse ambiente internacional menos hostil era favorável ao florescimento de maior cooperação internacional e estreitamento dos laços comerciais entre os Estados. Por outro lado, esse período também foi testemunha de grandes abalos ao ordenamento sistêmico causado pela crise do dólar e por atuações mais incisivas dos países periféricos. O choque do petróleo de 1973, imposto pelos países árabes membros da OPEP, colocou em xeque a ordem do sistema capitalista, comprometendo a estabilidade econômica dos países centrais. Esse contexto internacional, caracterizado por cooperação de um lado e, ao mesmo tempo, uma complexa crise sistêmica de outro, evidenciou que o ambiente internacional vivenciava dinâmicas muito mais intrincadas do que a teoria realista podia conceber. Com isso, é aberto um novo momento para os estudos das Relações Internacionais, em que teorias liberais passam a ter um papel renovado como contraponto às análises realistas em voga até então.

Nesse sentido, em função da evidenciada vulnerabilidade das economias centrais e da inédita capacidade de países periféricos em questionar e abalar a ordem vigente, o sistema internacional passa a ser percebido como um ambiente cada vez mais interligado e aberto à ação de forças transnacionais (HALLIDAY, op.cit.). A partir da análise dessa conjuntura, Robert Keohane e Joseph Nye publicam o livro *Power and Interdependency* (1977), em que defendem a ideia da interdependência complexa entre os Estados, lançando, assim, as bases do Neoliberalismo (NOGUEIRA, 2005). Essa nova abordagem das Relações Internacionais passou a contestar as principais premissas das análises Realistas, abrindo um maior espaço para novas considerações sobre o papel da cultura nas interações entre os Estados.

Paralelamente, a partir de uma interpretação particular do contexto global, os estudiosos da English School of Economics estabelecem uma nova abordagem das Relações Internacionais, na qual tentam incluir elementos tanto do Realismo quanto do Liberalismo em sua reflexão teórica, criando, assim, um “caminho do meio” entre as duas visões². É na chamada Escola Inglesa de Relações Internacionais que a cultura assume um papel mais fundamental. Esse fato é refletido em alguns trabalhos de Martin Wight,



um dos precursores dessa escola. Ao expor a ideia de uma sociedade internacional, reforça que um dos fatores fundamentais dessa sociedade é a cultura (NOGUEIRA, op.cit.). Seguindo essa linha, Hedley Bull, em sua obra mais famosa, *Sociedade Anárquica*, escrita em 1977, identifica a cultura como sendo elemento agregador fundamental para os valores e interesses compartilhados que constituem a sociedade internacional de Estados. Portanto, na sua visão, a cultura seria um dos fatores que contribuiria para a transformação de um sistema internacional em uma sociedade internacional (BULL, 2002).

Ao final da década de 70, o clima de distensão entre as superpotências começava a esmorecer. As crises econômico-financeiras que se sucederam no período, somadas a invasão do Afeganistão pela União Soviética, em 79, fizeram os americanos pensarem que perdiam a liderança do sistema internacional para os soviéticos. A gradual perda de proeminência política e econômica levou, na década seguinte, o governo americano a tomar duras medidas como forma de recuperar a posição perdida. Nesse sentido, com a eleição de Ronald Reagan para a presidência, os anos 80 trouxeram de volta o clima de tensão sistêmica da Guerra Fria (SARAIVA.S, 2008). Nesse contexto, a teoria realista volta à posição de visão dominante nas Relações Internacionais, por oferecer um instrumental teórico mais apropriado para a compreensão daquela realidade. Surge, assim, a obra *Theory of International Politics* (1979), na qual Kenneth Waltz expõe uma visão renovada do Realismo, o que ficou conhecido como Realismo Estrutural ou Neo-Realismo. Essa ideia vinha se contrapor às análises baseadas no Liberalismo e, passo a passo, tomar seu lugar como teoria preponderante (NOGUEIRA, op.cit.). Nesse momento, volta a temática principal nas Relações Internacionais: as questões relacionadas à segurança internacional. Com isso, o fator cultural é novamente relegado a um segundo plano.

Com a queda do muro de Berlim e a dissolução da União Soviética, acontecimentos que viriam a por um fim no até então conhecido mundo bipolar e encerrariam o período de Guerra Fria, que se estendia desde o fim da Segunda Guerra Mundial, o mundo entraria em uma nova fase, caracterizada por um novo ordenamento das relações internacionais. Assim, a partir do início da década de 90, se inicia um novo momento representado pela consolidação do modelo Neoliberal. Com isso, se estabelecia o sistema capitalista como o grande vencedor da disputa ideológica Leste versus Oeste, condenando o modelo socialista soviético a sair completamente de cena, como se fosse uma relíquia arcaica de um passado remoto (SARAIVA, op.cit.).



Conseqüentemente, os processos de globalização³ ganham uma velocidade nunca antes presenciada, preenchendo o vácuo deixado pela ideologia socialista antagônica, liberando o mundo para que, finalmente, pudesse ser remodelado segundo os preceitos do liberalismo. Esse é um novo ambiente em que a democracia liberal ocidental triunfa e o Consenso de Washington⁴ passa a ser a cartilha a ser seguida, com a promessa de ser a receita para o desenvolvimento e a prosperidade. Nesse sentido, passam a ocorrer severas mudanças no ordenamento internacional embasadas na consolidação de novas tecnologias e no aparecimento de outras esferas de poder no ambiente internacional. Com isso, as visões Neo-Realistas se enfraquecem, abrindo espaço para que novos temas surjam nos estudos de Relações Internacionais (NOGUEIRA, op.cit.).

O artigo *Clash of Civilizations*, publicado por Samuel Huntington, na revista *Foreign Affairs*, em 1993, transformado em livro um ano mais tarde, expôs a visão do estudioso sobre como as relações internacionais no novo milênio seriam marcadas por questões de cunho cultural e religioso. Em sua visão, os valores que representariam a civilização ocidental entrariam em choque direto com os valores defendidos pelo mundo islâmico, identificando assim o fator cultural e religioso como a fonte dos conflitos nos novos tempos. Mesmo em meio ao enfraquecimento das visões realistas, Huntington sustentava o argumento de que um ambiente internacional conflituoso ainda seria parte da realidade das relações internacionais; porém a fonte desses conflitos não seria mais de cunho ideológico ou econômico, mas cultural (REEVES, 2004).

Conjuntamente com os novos temas, surgem novas escolas teóricas dentro das Relações Internacionais com a proposta de desenvolverem um novo enfoque mais condizente com os novos tempos. Dentre elas, surge a escola construtivista, que, em seu arcabouço teórico, resgata questões relacionadas à cultura como parte integrante dos estudos das relações internacionais. Assim, sua análise sobre o papel da influência mútua entre agente/estrutura na constituição do sistema internacional, na qual a cultura local tem a capacidade de influenciar a estrutura internacional, traz uma visão atualizada sobre o fator cultural nas dinâmicas internacionais. Alguns dos principais expoentes dessa corrente, como Kratochwill e o conceito de virada linguística e Wendt com a ideia de que “A anarquia é o que os Estados fazem dela” (NOGUEIRA, op.cit.), deram uma grande contribuição para que o Construtivismo servisse como instrumento de renovação da disciplina.



- ***A Cultura como ferramenta de política externa***

Ao longo da história, tornou-se cada vez mais evidente o potencial estratégico da utilização de elementos culturais como um mecanismo, sutil, da realização dos interesses de um determinado Estado no ambiente internacional. Segundo Philip H. Coombs, “a cultura se configuraria como a quarta dimensão das relações internacionais, contrastando com a clássica tríade das dimensões: política, econômica e militar” (LESSA e SUPPO, 2007).

A implementação de uma eficiente estrutura de diplomacia cultural pode representar uma estratégia mais ágil para se conquistar corações e mentes da comunidade internacional, refletindo como ferramenta de legitimação de determinadas políticas.

Ademais, uma política bem sucedida penetra de tal forma na comunidade “receptora” que a sua influência pode perdurar no tempo, mesmo quando a proeminência militar e econômica do país “doador” tenha se extinguido. A influência cultural de um país sobre outro, se bem construída, se torna poderosa e permanece latente no “DNA” de uma sociedade, delineando rastros de influência mesmo quando não haja mais recursos materiais para tanto.

Gradativamente, alguns Estados passaram a dedicar uma maior atenção a essa prática, desenvolvendo mecanismos próprios de instrumentalização de sua cultura em prol de sua política externa. Com isso, a ideia da diplomacia cultural atuando como reforço da diplomacia tradicional se tornou cada vez mais presente nas estratégias de projeção internacional de alguns Estados.

A diplomacia cultural pode ser definida como: “a utilização específica da relação cultural para a consecução de objetivos nacionais de natureza não somente cultural, mas também política, comercial ou econômica” (RIBEIRO, 1989, pg.23). Segundo sua tese, para que a relação cultural possa ser instrumentalizada de acordo com objetivos nacionais, é necessário que essa política cultural se vincule às estratégias da política externa de um determinado Estado. Nesse sentido, os tipos de vinculação poderiam ser exemplificados como: diplomacia cultural e paz, diplomacia cultural e política bilateral, diplomacia cultural e comércio e diplomacia cultural e cooperação técnica.

Em função de sua posição privilegiada no ordenamento internacional, alguns países puderam perceber as vantagens da utilização da diplomacia cultural entre suas ferramentas de ação externa, começando há mais tempo a implantar uma estrutura para possibilitar essas atividades. França, Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos saíram na dianteira na instrumentalização e se tornaram referência nessa ação. Esses países



desenvolveram, ao longo do tempo, uma sofisticada estrutura para a utilização de seu patrimônio cultural como forma de expandir sua influência internacional e reforçar sua política exterior. Portanto, suas experiências são referência para o entendimento das possibilidades que a prática da diplomacia cultural tem em se ajustar ao aparato de política externa desses países.

- ***Uma via de mão dupla***

Edgar Telles Ribeiro em sua tese *Diplomacia Cultural* faz uma distinção entre diplomacia cultural e relação cultural. Para ele, enquanto a diplomacia cultural tem como finalidade a instrumentalização da cultura para objetivos específicos de um Estado, sendo uma ferramenta unilateral de influência política, as relações culturais têm o objetivo de desenvolver, ao longo do tempo, maior compreensão e aproximação entre povos e instituições em proveito mútuo.

A ideia defendida por Ribeiro gira em torno da percepção de que a cultura deveria representar algo muito maior do que a mera utilização como instrumento de política externa, o que seria uma finalidade mesquinha e superficial para um fator tão rico e complexo com a potencialidade de criar pontes de entendimento entre os povos do mundo.

A concepção de que os Estados poderiam ter motivações além da simples busca de seus interesses particulares se aproxima de uma visão mais universalista das relações internacionais, em que sentimentos de pertencimento a uma mesma sociedade internacional estimularia outros níveis de interações entre os Estados. Nesse contexto, o fator cultural seria o elemento crucial para a manutenção de fluxos constantes de interações entre as diversas comunidades culturais que compõe o planeta, estimulando a desmistificação do outro e o respeito a diversidade, passos fundamentais rumo a um ambiente internacional mais cooperativo e pacífico. F.S.C. Northrop é partidário dessa ideia e, junto com Ribeiro, defende a mutualidade nas relações culturais entre os Estados. Em sua visão, o reconhecimento da diversidade cultural teria por consequência um maior respeito pelas leis e pelos costumes de cada país, o que, por sua vez, asseguraria o pluralismo do direito internacional e fundamentaria a política externa dos Estados. Dessa forma, contribui para redimensionar a importância do fator cultural nas relações internacionais, promovendo-o a elemento essencial de cooperação internacional (NORTHROP apud RIBEIRO, 1989, pg. 43).

Na mesma linha que Northrop, J.M. Mitchell defende um papel mais nobre para as relações culturais nas relações internacionais. Para ele, o objetivo das relações culturais



seria servir como ponte para o entendimento entre as diversas culturas, atuando como catalisador da cooperação internacional, num mundo em que a interdependência entre as comunidades culturais se reforça cada vez mais. Segundo Mitchell, “a cultura é um veículo para a consecução de objetivos que transcendem em muito a mera manipulação dos jogos de influência” (RIBEIRO, OP.CIT. pg .43).

(...) a cultura pode desempenhar um papel importante na superação de barreiras convencionais que separam povos; na promoção ou estímulo de mecanismos de compreensão mútua; na geração de familiaridade ou redução de áreas de desconfiança (Ibid. pg.15).

No novo milênio, caracterizado por um ambiente internacional globalizado e interdependente, tantos os benefícios, quanto as novas ameaças de um “mundo sem fronteiras” têm a capacidade de alcançar a todos em volta do globo. Portanto, se torna crucial que as nações do mundo encontrem meios de convivência pacífica e cooperativa, para que em conjunto, a humanidade tenha condições de enfrentar os novos desafios. O fator cultural, se operado com a ideia da mutualidade e respeito à diversidade, tem o potencial de ser o catalisador para o surgimento de pontes de entendimento entre os povos do globo, contribuindo, assim, para que o ambiente internacional se torne mais harmonioso.

3- A Economia da Cultura e Desenvolvimento

Além das questões relacionadas a poder e influência, a cultura também possui um grande potencial econômico que nos tempos modernos passou, gradativamente, a ser incorporado ao processo de expansão capitalista. Já na contemporaneidade, em função da revolução nos meios de comunicação, das novas tecnologias e acentuação do processo de globalização, vem se configurando como um dos principais motores da economia mundial.

Essa nova etapa de expansão do sistema capitalista internacional é caracterizada pela desterritorialização, pela instantaneidade, pela interconectividade e interdependência dos atores globais. Inaugura-se, portanto, um mundo inundado por bens e valores intangíveis, em que cada vez mais os processos econômicos se tornam líquidos⁵. Nesse contexto, o fator cultural, que contempla o universo imaterial e simbólico das diversas comunidades espalhadas pelo globo, torna-se a matéria-prima crucial na pós-modernidade, a qual é movida por uma sociedade da informação que demanda um modelo de consumo pós-industrial que a define e a sustenta. Esse ambiente caótico e complexo, cheio de instabilidades e incertezas, promoveu uma revolução em todos os



setores da economia, num processo de obsolescência de padrões antes consolidados da indústria tradicional, abrindo, com isso, caminho para um novo sistema econômico movido por ideias e não mais por objetos.

Nesse sentido, a cultura vem se consolidando como o motor da nova economia internacional e seu grande potencial de geração de renda, por meio das indústrias culturais, tem servido aos interesses econômicos dos países centrais. No entanto, há uma janela de oportunidade para os países com menor grau de desenvolvimento, que, historicamente, sempre foram relegados à periferia do sistema.

A cultura, entendida antropologicamente como elemento constituidor do sistema de valores e tradições subjacente ao imaginário coletivo de qualquer agrupamento humano, possibilita o surgimento desse potencial gerador de renda em qualquer lugar e em qualquer sociedade. Caso sejam mantidas condições de produção e de consumo mais equitativas desses bens culturais, as Indústrias Criativas podem se transformar em um instrumento decisivo para o desenvolvimento socioeconômico de comunidades alijadas dos fluxos dos mercados globais; e promover, a partir daí, um novo padrão de inserção na economia mundial. Essa nova economia tende a valorizar a diversidade cultural na medida em que faz surgir oportunidades para o aproveitamento do potencial gerador de bens culturais inerente a qualquer comunidade que logre transformar seu patrimônio cultural em produtos culturais com aceitação nos diversos mercados espalhados pelo globo. Nesse sentido, desde que sejam mantidas condições justas de competição nos mercados internacionais, qualquer comunidade pode se transformar num nicho criador de bens culturais.

Internamente, a Indústria Cultural pode ter um efeito multiplicador na economia local em função de seu potencial de transbordamento para indústrias conexas, promovendo assim um ambiente transformador capaz de gerar uma cadeia de ganhos em toda sociedade.

Essa nova realidade suscita também uma reflexão sobre os critérios de desenvolvimento, os meios disponíveis para alcançá-lo e a própria definição do seu significado. De início, é fundamental termos em mente uma nova concepção que desassocie desenvolvimento de crescimento econômico a partir de uma relativização do binômio recursos limitados versus necessidades ilimitadas, pelo qual a economia é tradicionalmente entendida. Antes de tomar essas variáveis como dadas, para se montar a equação, é necessário um questionamento mais amplo, sobre bases filosóficas e ontológicas, que busque entender como as necessidades do homem se formam e como podemos desenvolver critérios mais substanciais de satisfazê-las.



O novo milênio conclama a indagação sobre qual é a concepção de desenvolvimento mais condizente com os anseios do homem na pós-modernidade. Será o PIB o melhor indicador? E se levarmos em consideração a questão cultural, será que a utilização do PIB como indicador conseguiria detectar os efeitos das externalidades positivas – geradas a partir de uma cadeia de ganhos fruto de alguma produção cultural que, aparentemente, se mostrasse sem retorno – para uma sociedade?

A economia criativa deve ser entendida como aquela que gera valor além dos conceitos tradicionais de necessidade, e que, além de gerar emprego e renda, tem seu foco central na promoção do bem-estar e no cultivo da autoestima. A economia criativa tenta remodelar a sociedade, transformando-a em um ambiente em que seus cidadãos sejam tomadores de decisão; pois ela teria como *modus operandi* a ideia que o desenvolvimento é a liberdade de fazer escolhas.

Mais do que uma questão puramente economicista, que tenda a medir vantagens comparativas e graus diferentes de competitividade nos mercados, essa nova concepção de desenvolvimento é acima de tudo uma questão política. E essa ação política é que vai equalizar as complexidades dos novos tempos e as diferentes forças que atuam no ambiente internacional, como forma de possibilitar que todos tenham as mesmas oportunidades de dar o salto para uma vida mais próspera e feliz, caminhos para o verdadeiro desenvolvimento humano. A economia criativa tem o potencial de mudar o foco tradicional do crescimento econômico e redirecioná-lo para uma visão atual de desenvolvimento que contemple a segurança social (erradicação da pobreza e aumento da renda) e uma vida social e ecologicamente sustentável em harmonia com o meio ambiente local e internacional. Como afirma Chang (2009) em seu artigo *Hamlet without the Prince of Denmark*, hoje o desenvolvimento deve ser entendido como redução de pobreza, provisão das necessidades básicas, aperfeiçoamento individual, e a sustentabilidade da estrutura atual de produção.

- **As Indústrias Criativas**

O conceito de Indústria Cultural foi primeiramente abordado pelos sociólogos e filósofos alemães, representantes da Escola de Frankfurt, Theodor Adorno e Max Horkheimer, em sua obra *Dialética do Esclarecimento*, de 1947, em que identificam o processo de apropriação pelo sistema capitalista da criação artística e de sua consequente massificação. Na década de 60, o conceito foi ampliado sob a influência da sociologia francesa. Assim, no lugar de Indústria Cultural seu significado foi ampliado para: Indústrias Culturais (no plural), abordando as ligações entre cultura, tecnologia e



capital de forma mais complexa que a Escola de Frankfurt. Um novo passo foi dado quando, na década de 90, na Austrália, e, posteriormente, na Inglaterra, as Indústrias Culturais passam a ser concebidas a partir do novo conceito de Indústrias Criativas, incorporando os conceitos anteriores, porém dando uma amplitude maior às possibilidades de aplicação e entendimento sobre a dinâmica da convergência entre economia e produção simbólica (Indústrias Criativas no Brasil, 2009).

As Indústrias Criativas⁶ são um fenômeno da economia da pós-modernidade (Indústrias Criativas no Brasil, 2009), a qual é caracterizada por um modelo de produção “pós-industrial” e um estilo de consumo “pós-materialista”, englobando, assim, o que se convencionou chamar de “virada cultural⁷”. Essas Indústrias têm como característica a utilização da criatividade e da imaginação como insumos de seu processo produtivo. A criatividade e a imaginação são aspectos intangíveis da constituição humana que remetem a traços particulares de um determinado grupo e ao seu universo imaterial e simbólico. Esses insumos, por si só, são de variedade e disponibilidade infinitas na natureza, provendo esse setor de possibilidades inesgotáveis de produção e expansão.

É, portanto, um processo de produção intrinsecamente sustentável, tanto ecologicamente como socialmente. Ecologicamente por extrair da imaginação humana sua matéria prima sem impactados para o meio ambiente. Socialmente pelo o potencial de utilizar qualquer manifestação cultural como fonte de inspiração, resgatando comunidades que antes não teriam expressão em setores econômicos tradicionais, reforçando o desenvolvimento e sua identidade

Esse novo setor da economia possui, hoje, taxas de crescimento acima dos setores tradicionais da indústria, além de possuir uma capacidade de geração de emprego e renda acima dos padrões (Indústrias Culturais no MERCOSUL, 2003). A economia criativa já representa 6% do PNB dos Estados Unidos, 8,2% do PNB da Inglaterra, e, segundo estimativas do Banco Mundial, essas indústrias contabilizam 7% do PIB mundial, com tendências de crescimento a uma taxa de 10% nos próximos anos (Indústrias Criativas no Brasil, op.cit.). O papel dessas indústrias é tão central para a economia mundial que, atualmente, seu debate faz parte da agenda dos principais órgãos internacionais (UNESCO, OEA, Banco Mundial, UNCTAD, PNUD, OMPT e etc.); além de ser, cada vez mais, levado em consideração na agenda política da União Europeia.

4- Considerações gerais sobre o MERCOSUL

O processo de redemocratização porque passaram a Argentina e o Brasil na década de 80 possibilitou a aproximação e o entendimento entre os dois países, criando,



assim, as condições para a fundação do MERCOSUL em 1991. Hoje, passados 20 anos desde a assinatura do Tratado de Assunção, diversos desafios e obstáculos ainda são enfrentados. Porém, contrariando avaliações pessimistas, constata-se que muito se avançou até o presente momento, e que grandes são as expectativas para uma integração mais ampliada no futuro.

Entretanto, ao final de sua segunda década de existência, o bloco ainda é caracterizado por uma integração com baixo nível de institucionalização e focado excessivamente no setor comercial (SARAIVA, M, 2007). Ainda persistem restrições de comércio e trâmites burocráticos ineficientes, tornando as dinâmicas comerciais contraproducentes à livre circulação de bens e serviços, caracterizando o idealizado Mercado Comum do Sul como uma união aduaneira imperfeita. Divergências em torno de questões energéticas e ambientais são frequentes, dificultando cada vez mais a convergência de interesses entres os países-membros. A maneira que até então as assimetrias regionais foram administradas vem comprometendo um funcionamento mais equilibrado do bloco, causando, com isso, distorções nos fluxos econômicos e comerciais.

Apesar dos percalços, o MERCOSUL, mesmo que de forma lenta e errática, vem causando um impacto positivo na América do Sul. Após um histórico de governos instáveis e divergentes na região, sua fundação consolidou a democracia e a estabilidade geopolítica no Cone Sul. O bloco também foi bem sucedido em ampliar seu volume de comércio. Assim, o intercâmbio com o resto do mundo aumentou em quase seis vezes, passando de um volume de exportação, em 1991, de R\$ 66,6 bilhões para algo em torno de R\$ 400 bilhões em 2010. O volume das trocas entre os países-membros foi ampliado em mais de dez vezes desde sua criação, passando de R\$ 4,5 bilhões, em 1991, para R\$ 45 bilhões, em 2010⁸. O comércio bilateral entre Brasil e Argentina movimentou grandes volumes de trocas.

A Argentina hoje se configura como terceiro destino das exportações brasileiras, sendo que o número em importância para a exportação de produtos manufaturados, portanto é um mercado extremamente estratégico para a economia brasileira. O Brasil, por outro lado, é superavitário nessa relação comercial, em que os produtos primários são predominantes em sua pauta, fato este que muitas vezes traz problemas para o comércio bilateral entre os dois países. Porém essa situação é relativamente amortizada pelo fato do Brasil ser o terceiro maior investidor na Argentina.

Algumas das tradicionais limitações do bloco vêm, paulatinamente, sendo contornadas nos últimos anos. Nesse sentido, deficiências de infraestrutura e da matriz energética regional, vêm sendo dirimidas através do programa de Integração de



Infraestrutura, o IIRSA, assim como as assimetrias entre os países-membros do bloco vêm sendo combatidas através do FOCEM.

Portanto, após 20 anos o MERCOSUL é peça fundamental para o desenvolvimento da região, além de ter um peso estratégico em termos de segurança energética e recursos naturais. Por esse motivo, é fundamental que junto às iniciativas tradicionais de integração, também avancem propostas de integração cultural, como forma de criar laços mais consistentes entre os países do bloco. Essas iniciativas devem contribuir tanto para a valorização das produções e expressões simbólicas da região, como para estimular um ambiente mais propício para interações entre as comunidades locais.

Passada sua primeira década de existência, o início do novo milênio foi caracterizado por uma grave crise financeira na Argentina, o que fez com que sua economia entrasse em colapso e suas relações com o Brasil se deteriorassem, comprometendo, com isso, decisivamente o avanço do projeto de integração. Somente, em 2003, a partir de mudança de rumo na política regional, com a eleição de Kirchner e Lula, o MERCOSUL pode ser reinaugurado, com uma nova orientação. Esse novo regionalismo foi sustentado essencialmente pelo projeto de integração de infraestrutura, o IIRSA, mas também abriu novo debate sobre a temática cultural no processo de integração.

Nesse sentido, o ex-presidente Lula tomou como meta pessoal a retomada da integração, assim como a ampliação das iniciativas nas áreas cultural e educacional. Com isso, a partir da gestão do ex-ministro Gilberto Gil, passou-se a redefinir o papel da cultura no processo de desenvolvimento brasileiro, implementando, assim, novas políticas para o setor. Essa postura teve reflexos externos, estimulando uma nova abordagem sobre o papel do fator cultural no processo de integração. Com isso, o MERCOSUL Cultural, que desde o início do ciclo de reuniões especializadas em cultura, em 1992, sempre teve dificuldade em se tornar um projeto efetivo, ganhou fôlego renovado, surgindo, a partir desse novo momento, diversos projetos para o reforço dos laços culturais da região. Como exemplo, destacamos o projeto brasileiro “Pontos de Cultura”, lançado pelo então ministro da cultura Gilberto Gil, que, a partir de uma proposta de projeto lançado pelo Parlamento do MERCOSUL em 2009, está em vias de ser expandido para todo o bloco. Dessa forma, em agosto de 2011, a “Secretaría de Cultura de la Nación” inaugurou o programa “Puntos de Cultura” em solo argentino.

Por outro lado, como forma de estimular a criação da massa crítica necessária para uma melhor circulação de bens culturais produzidos na região, esse período também é emblemático pelo lançamento do Selo MERCOSUL Cultural, do Fundo MERCOSUL



Cultural e da Universidade Federal de Integração Latino-Americana (UNILA). Essas iniciativas tendem a estimular o intercâmbio cultural na região por atuar tanto na oferta, estimulando o trâmite descomplicado de bens culturais e combate às assimetrias de produção desses bens; como na demanda, criando, através da educação, a valorização e o desejo pelos bens culturais da região. Sendo assim, essas iniciativas reforçam o conceito de “hélice tríplice⁹”, que diz respeito à articulação para o desenvolvimento regional entre universidade, políticas públicas e setor privado, gerando, com isso, um elo mais equilibrado da cadeia de produção.

Portanto, o MERCOSUL, a partir da nova fase iniciada em 2003, mesmo que ainda permaneçam algumas de suas fragilidades estruturais, possibilitou um ambiente favorável para o surgimento de iniciativas na área cultural entre os países-membros do bloco. Nesse sentido, os mecanismos desenvolvidos até aqui pelo MERCOSUL Cultural, apesar de nem sempre funcionar como esperado, contribuíram decisivamente para a solidificação das bases necessárias para que as Indústrias Criativas se desenvolvam na região (LESSA, 2010).

5 - A Indústria Fonográfica como vetor de integração

Nos últimos dez anos, as Indústrias Criativas têm se firmado como um setor extremamente importante para a economia da América do Sul (Indústrias Culturais no MERCOSUL, op.cit), tendo um peso considerável no PIB da região. Em 2004, essas indústrias geraram, em Buenos Aires, um montante em torno de US\$2,5 bilhões e criaram 106.000 postos de trabalho, correspondendo à 7,8% do valor agregado da cidade e 4,3% de seu volume de emprego naquele ano¹⁰. No Brasil, uma pesquisa da Firjan, realizada em 2008, estimou que a economia criativa movimentava cerca de R\$380 bilhões anuais no país, representando, assim 16,4% do seu PIB¹¹.

O grande impacto dessas indústrias na economia mercosulenha se reflete na preocupação, que nos últimos anos, os governos da região têm tido para melhor entender a dinâmica desse segmento e se adaptar mais eficientemente a essa nova realidade. Nesse sentido, como evidência do esforço em se criar ferramentas condizentes com as novas demandas, destacamos o lançamento dos sites: Sistema de Información Cultural del MERCOSUR (SICSUR) e o Observatório de Industrias Creativas (Arg), ambos com a função de disponibilizar informativos, planilhas, dados e indicadores sobre evolução da economia criativa no bloco. A criação, em 2011, da Secretaria da Economia Criativa, dentro da estrutura do Ministério da Cultura do Brasil, reforça a importância que esse segmento tem representado para a agenda desses países.



Com base no que foi exposto acima, se torna evidente o grande peso econômico que essas indústrias têm para o MERCOSUL. Se, além desses fatores, também for levado em consideração sua extensa capacidade de geração de empregos e seu poder de transbordamento para outros seguimentos (estimulando tanto o setor de serviços como as indústrias tradicionais), é possível afirmar que as Indústrias Criativas têm um papel relevante para o desenvolvimento socioeconômico do Cone Sul. A partir daí, se refletirmos sobre o grande potencial que a nossa região possui para o florescimento das mais diversas atividades relacionadas a essas indústrias, em função de sua riqueza e diversidade cultural, é possível especular sobre o impacto positivo que um mercado compartilhado entre Brasil e Argentina poderia ter para as comunidades locais.

Dentre as Indústrias Criativas, a indústria fonográfica é uma das mais importantes. Em 2005, ela movimentou algo em torno de US\$ 33,5 bilhões com a venda de suportes físicos e digitais (Indústrias Criativas no Brasil, op.cit.) no mundo todo. Nesse mercado, a América Latina tem uma participação de 12,6 %, e os países do MERCOSUL representam o maior volume de produção e comercialização (Indústrias Culturais no MERCOSUL, op.cit).

En el rubro fonográfico –donde el conjunto de América Latina ocupa el 12,6 del mercado mundial- los países del MERCOSUR representan el mayor volumen de producción y comercialización en América del Sur, superando los 130 millones de unidades vendidas por año, con cifras que oscilan entre 105 millones en Brasil, 15 millones en Argentina, y poco más de un millón de ventas legales en Bolivia, donde la piratería del mercado es de casi el 90% del total de las ventas. Esas cifras significan una facturación anual estimada en 1.400 millones de dólares, con algo más de 1 mil millones en Brasil, 173 millones en Argentina, país donde las ventas cayeron fuertemente a partir de 1999 y algo más de 75 millones en Chile. (GETINO in Indústrias Culturais no MERCOSUL, op.cit.,pg55)

O mercado brasileiro é o maior da região e o que dispõe da maior capacidade de produção. Desde 2009, esse mercado se encontra em expansão, tendo movimentado naquele ano, R\$ 358.432 milhões. Deste montante, a venda de mídia física (CD, DVD e Blu-ray) correspondeu a 88,1%, com um total 25,7 milhões de unidades vendidas e arrecadação de R\$ 315.654 milhões. A venda nos formatos digitais (via internet e telefonia móvel) girou em torno de 11,9%, movimentando R\$ 42.778.577. O consumo de música nacional ficou em 66%, seguido de 30,6% de música internacional e 3,4% de música clássica¹².

O segundo maior mercado é o argentino, em que a indústria fonográfica representa 3,5% do PIB do país e geram 200 milhões de postos de trabalhos¹³. Desde 2010, esse mercado vem se mantendo em crescimento na Argentina, movimentando um montante de \$320.473,588, com 88% dessas vendas ainda relacionados com o formato de mídias



físicas (CDs). Esse mercado comercializa, em média, 14 milhões de discos, e conta com 120 selos (gravadoras), sendo que quatro deles grandes empresas transnacionais (“majors”). Atualmente, a porcentagem de consumo de música nacional, na Argentina, gira em torno dos 35%¹⁴.

Em 2008, o intercâmbio comercial de CDs e DVDs de Brasil e Argentina com o MERCOSUL, girou em torno de U\$29.156,220 (FOB) para a Argentina e U\$5.834,367 (FOB) para Brasil, nas exportações, e U\$32.877,293 (CIF) para a Argentina e U\$8.151,056 (CIF) para Brasil, nas importações¹⁵.

Recentemente, o consumo de música por meio digital tem crescido exponencialmente em todo mundo. Segundo a *International Federation of the Phonographic Industry* (IFPI), a renda alcançada pelas gravadoras com o mercado digital cresceu cerca de 6% em 2010, alcançando US\$ 4,6 bilhões. Seguindo essa lógica, o mercado fonográfico internacional tem a tendência de se concentrar cada vez mais nesse formato¹⁶. A IFPI também aponta que há grande expectativa de crescimento para o mercado fonográfico digital latino-americano. Argentina, Brasil e México seriam os principais polos desse mercado, representando mais de 80% das vendas de música digital na região. Em 2009, segundo informe da Associação Brasileira dos Produtores de Discos (ABPD), as empresas brasileiras do setor faturaram R\$ 42,7 milhões com o mercado de música digital. Desse total, 58,7% foram representados por receitas advindas da internet (R\$ 25.121 milhões) e 41,3% das vendas de música digital via telefonia móvel (R\$ 17.657 milhões)¹⁷.

As micros, pequenas e médias empresas teriam um importante papel na ampliação dos benefícios de um mercado regional compartilhado, pois essas empresas tendem a gerar grandes volumes de emprego, além de contribuírem para uma produção mais diversificada, reforçando a valorização da diversidade cultural regional. As atividades dessas empresas acabam atenuando o impacto de uma atuação massiva no mercado regional de conglomerados multimidiáticos internacionais, que concentram a produção e a venda, e impõe um padrão homogeneizante de produção. Dessa forma, os produtores independentes podem contribuir significativamente para uma maior democratização da produção fonográfica regional.

A questão da grande incidência da pirataria nos mercados da região, além de ser um tema polêmico, é um desafio para a construção de um ambiente propício para o desenvolvimento da economia criativa na região. Nesse debate deve-se levar em conta que muitas vezes a comercialização de produtos culturais piratas (CDs, DVDs e outros) é a única fonte de renda de comunidades carentes, além de ser, por outro lado, a única



forma dessas comunidades terem acesso a certos bens culturais, que de outra forma não teriam condições de adquirir. A partir dessa perspectiva, as “majors” seriam as grandes vilãs em função das gigantescas margens de lucros que acoplam aos seus produtos. No entanto, a pirataria impede que as indústrias culturais se desenvolvam de forma saudável na região, e para que este problema seja enfrentado de maneira efetiva, é necessário que as divergências sejam colocadas de lado, e que o tema seja entendido numa concepção mais ampla de como se insere nas frágeis estruturas econômicas da região e muitas vezes é fruto dessas próprias distorções.

Uno de los problemas principales que atraviesa este sector, y que afecta particularmente al copyright norteamericano –aunque también perjudica a las empresas locales- es la piratería de fonogramas (casetes y CD’s), estimándose que el daño ocasionado al “derecho de copia” representaría unos 25 millones de dólares al año en la Argentina y alrededor de 110 millones en Brasil (GETINO in *Indústrias Culturais no MERCOSUL*, op.cit.,pg 57)

Nesse sentido, a indústria da música, em função de seu peso econômico e social na região, é, conseqüentemente, uma importante ferramenta de transformação. Baseado nessa constatação, a proposta desta pesquisa consiste na investigação das dinâmicas relacionadas ao desenvolvimento da indústria da música no âmbito do MERCOSUL, entre 2003 e 2011. Consideramos que as políticas culturais implementadas neste período, pelos países líderes do bloco, no caso Brasil e Argentina, tem o potencial de contribuir para que essa indústria se configure como vetor de desenvolvimento socioeconômico e integração no Cone Sul. Dessa forma, a questão que move esse trabalho é investigar se a música, além de seu comprovado potencial de geração de grandes lucros, pode também ter um impacto positivo para a construção de uma identidade mercosulenha compartilhada. Ponto, esse, que consideramos fundamental para o estabelecimento de um ambiente mais propício para uma integração mais ampliada e solidária.

O novo MERCOSUL que valoriza suas indústrias culturais deverá ter presente que há um patrimônio já conquistado pelo bloco, mas que há outros que necessitam ser construídos, especialmente no que se refere à feitura de um desenho estratégico dos interesses desse setor do processo econômico ante a forte concorrência com os produtos da indústria cultural exógena (SARAIVA in *Indústrias Culturais no MERCOSUL*, op.cit., pg. 21).

6- Construindo uma integração ampliada

- ***Identidade compartilhada***

A partir de uma leitura construtivista do processo de integração regional no Cone Sul, o peso da ideia defendida por Thomas Risse (2000), quando afirma que “quanto maior o nível de identidade coletiva, maior o nível de integração”, se torna fundamental



para sustentar o argumento, defendido por este artigo, de que o nosso processo de integração, para que possa se configurar como um verdadeiro vetor de desenvolvimento socioeconômico para as comunidades da região, tem que encontrar meios de transcender, de forma substancial, as meras trocas comerciais e questões alfandegárias, e caminhar para um patamar mais abrangente de integração social e cultural. Segundo José Flávio Sombra Saraiva “(...) *não haverá futuro para um MERCOSUL apenas mercantilista*” (SARAIVA in *Indústrias Culturais no MERCOSUL*, op.cit., pg. 18).

Nesse sentido, o fator cultural, representado pelas Indústrias Culturais, tem um papel crucial como catalisador no processo de integração regional (CANCLINI, 2008), por um lado, em função de seu grande potencial econômico, por outro, por ser um elemento primordial para a criação de pontes de entendimento e amizade. Estes fatores são imprescindíveis para que surjam sentimentos de comunidade entre as populações do MERCOSUL capazes de impulsionar o fortalecimento de uma identidade compartilhada na região. Uma identidade mercosulenha compartilhada, e o subsequente estabelecimento de uma cultura da integração embasada num novo entendimento sobre os laços que unem os povos da região, é fundamental para um processo de integração mais amplo e duradouro (LAMPREIA, 1995).

Num primeiro momento, essa parece ser uma ideia utópica, ainda mais se a leitura desta questão partir de uma perspectiva da teoria realista. No entanto, estudos mostram que as identidades são fluídas, e que os processos de construção e desconstrução são contínuos. Além do que, as identidades podem ser construídas sobre variadas camadas sobrepostas, sem que uma elimine a outra, num acervo intercambiável de máscaras sociais em que diversas identidades podem coexistir dentro de um mesmo ser. Os encontros culturais tendem à hibridização e não à simples aculturação. Junto com estes processos, novas identidades podem surgir, influenciando a redefinição dos interesses. Essas novas dinâmicas passam a influenciar na constituição tanto dos agentes como das estruturas, podendo, com isso, abrir espaço para novas relações que não sejam fundamentadas unicamente no interesse nacional.

Por outro lado esse processo de construção e desconstrução é muito menos traumático do que aparenta. Se levarmos em consideração que, muitas vezes, o imaginário coletivo que define as comunidades é artificialmente construído, será possível imaginar que alguma outra coisa pode ser colocada em seu lugar. Se, conforme afirma Hobsbawm (1997), as tradições são inventadas, não é difícil perceber que o que lá está não é calcado em bases tão sólidas, e, portanto, há espaço para algum tipo de transformação.



Esse fato se torna ainda mais evidente quando analisamos o processo de construção das tradições na América Latina de um modo geral. O forjamento de nossos nacionalismos e identidades é parte de um processo recente e muitas vezes construído em bases muito frágeis. Essas nossas pretensas identidades nacionais, na maioria dos casos bastante inconsistentes, foram ainda mais fragilizadas pelas crises dos anos 80, pelas reformas neoliberais dos anos 90 e pelo processo de globalização.

No entanto, esse novo ambiente internacional, globalizado e extremamente complexo, apesar de ter desencadeado angústias e crises de identidades nas nações latino-americanas, abre um janela de oportunidade para novos processos de construção de identidades (CANCLINI, 2008). Assim, entendemos que a estabilidade das relações regionais e a aproximação entre os povos dos países da região, proporcionadas pelo MERCOSUL, contribuiu de forma profunda para que seja dado início a um processo de construção de uma identidade coletiva mercosulenha.

Nesse sentido, o MERCOSUL, mesmo com baixa institucionalização e seu caminho errático, foi bem sucedido em criar um ambiente pacífico na região e propício para proporcionar experiências contínuas de socialização entre os países da região, contra o anterior ambiente de desconfianças e rivalidades. Em função de ter propiciado esse cenário mais propício para interações, muitas vezes espontâneas, entre as comunidades locais, criou as condições fundamentais para iniciar intercâmbios sociais capazes de proporcionar impactos profundos em processos autocognitivos e de alteridade em relação às identidades estabelecidas. Esses processos são fundamentais para a redefinição das identidades nacionais e para a criação de uma identidade compartilhada (mesmo que inconsciente).

A perspectiva construtivista, mais especificamente o trabalho de Alexander Wendt, permite ampliar o panorama dos estudos internacionais na medida em que contempla os interesses e identidades culturais como artefatos socialmente construídos e considera o papel da cultura como fundamental para a construção das ideias, dos valores, das normas e das crenças que consolidam as comunidades, as nações e as regiões. Segundo esse autor, os interesses e as identidades são frutos de um processo de interações intersubjetivas entre os Estados em que a identidade acaba precedendo o interesse e moldando e direcionando a construção desse interesse. Ao criticar as teorias de Relações Internacionais dominantes por considerarem as identidades como predeterminadas, Wendt, em seu famoso artigo *Anarchy is what States Make of it* (1992), apresenta uma proposta inovadora dentro da disciplina, explicando, de maneira endógena, o processo de construção de identidades coletivas. A partir dessa discussão a respeito da construção



dessas identidades, ele define-as como o produto de processos relacionais e sujeitas a mudanças. Portanto, processos relacionais podem levar a mudanças nas identidades coletivas, que, por sua vez, podem modificar a lógica de funcionamento da anarquia.

- **O papel do Estado**

Falta, sin embargo en nuestro caso, una acción conjunta de los agentes principales de las Industrias Culturales tanto del país como de los que integran el MERCOSUR (organismos públicos, organizaciones empresariales y sociales, autores y creadores), para dinamizar el intercambio de información y de bienes y productos, junto con el establecimiento de políticas y legislación para beneficio del conjunto, antes que de alguna de las partes (GETINO in *Indústrias Culturais no MERCOSUL*, op.cit.,pg185)

Apesar de sua inclinação por uma abordagem pós-positivista das relações internacionais, o modelo de análise construtivista de Alexander Wendt não deixa de considerar o Estado como o principal agente em interação com a estrutura nesse processo contínuo de coconstituição. Contudo, assume uma postura contrária a uma das premissas centrais do realismo: a ação dos Estados em função da defesa do interesse nacional. O autor defende que a lógica da autoajuda, como uma reação automática dos Estados em relação aos constrangimentos da estrutura, não é uma dinâmica imutável. Em sua teoria, há espaço para transformações dentro das relações internacionais. Portanto, antes de entender o interesse nacional como algo previamente determinado, esse interesse nacional precisa ser definido, e para defini-lo, é preciso levar em consideração as identidades que o moldam.

Seguindo essa lógica, entendemos que, para que haja uma efetiva consolidação das Indústrias Criativas, e no caso do foco desta pesquisa, a indústria da música do Brasil e da Argentina como vetor da integração no Cone Sul, é fundamental que surjam iniciativas, em termos de políticas culturais dirigidas, com impacto direto ou indireto para esse setor. A mobilização efetiva dos ministérios de cultura e de relações exteriores dos dois países, dando suporte e estimulando o desenvolvimento de um ambiente propício ao intercâmbio e que valorize a diversidade cultural, é crucial para o aproveitamento efetivo do potencial da região. Principalmente se forem eficientes em atenuar o impacto que uma atuação desenfreada dos conglomerados multimidiáticos transnacionais, que vêm dominando os mercados locais a ritmos exponenciais, os Estados, por meio de uma atuação inteligente como reguladores da atuação dessas empresas, proporcionariam uma harmonização das atividades desses grandes grupos e dos empreendedores locais.

Se trata, finalmente, de contribuir al intercambio e integración de las industrias del sector a escala nacional y regional y, lo que no es menos importante, a consensuar con las mismas, políticas públicas y privadas que sirvan a la producción de bienes y

Sem desconsiderar os riscos do controle de mercado e do monopólio dos meios de produção cultural pelos conglomerados multimidiáticos, o bom funcionamento da economia regional depende de uma leitura mais condizente com a complexidade e os desafios dos novos tempos, de forma a agir com mais flexibilidade e eficiência na defesa dos interesses regionais. Deve-se abandonar as noções ultrapassadas de um “imperialismo cultural yankee” em choque direto com cultura nacional. Afinal, há a possibilidade de que essas empresas internacionais possam contribuir, de alguma forma, para a construção de um mercado regional ampliado e para o incentivo a um maior intercâmbio cultural na região, a partir de uma atuação em consonância com o mercado independente, os pequenos empreendedores e os produtores independentes.

7 – CONCLUSÃO

A breve investigação das iniciativas no período proposto indica que as políticas na área cultural ganharam uma nova importância e, com isso, novas iniciativas passaram a surgir, abrindo a possibilidade para um melhor aproveitamento das potencialidades de um maior intercâmbio da indústria da música no âmbito do MERCOSUL.

Apesar da mudança de atitude do período, essas iniciativas ainda estão aquém do esperado em relação ao potencial e as necessidades. As políticas culturais dirigidas para o segmento da música estiveram longe de se coadunarem com as expectativas e potencialidades deste setor. Na verdade, grande parte das ações culturais mais consistentes aconteceu de forma espontânea e autônoma por iniciativa de atores e empreendedores independentes.

Paralelamente, os grandes conglomerados multimidiáticos transnacionais vêm aumentando, cada vez mais, sua participação nos mercados fonográficos regionais. Um processo predatório, que paulatinamente, vem substituindo padrões tradicionais de consumo de música local por um novo modelo baseado nas últimas tendências globais, nicho dominado por essas corporações transnacionais. É estabelecido, assim, um processo de desmonte da indústria cultural local, minando com isso as possibilidades de que um mercado cultural ampliado gerasse uma cadeia de ganhos para toda a região.

A título de exemplo, até mesmo o mercado fonográfico brasileiro, que tradicionalmente era reconhecido como um dos maiores do mundo em termos de consumo de música nacional, que, até 2007, girava em torno dos 70%, desde então vem



decrecendo e, gradativamente, sendo substituído por produtos da indústria norte-americana. É fundamental que esta situação seja considerada com seriedade, ou correremos o risco de perder a oportunidade de aproveitar as potencialidades dessas indústrias criativas, que hoje crescem a ritmos mais acelerados que as indústrias tradicionais, para o desenvolvimento da região.

Um ponto positivo diz respeito ao esforço, mesmo que de forma errática e inconsistente, que teve o MERCOSUL na incorporação da cultura em sua agenda de integração. Nesse sentido, é possível ser otimista em relação a um contínuo avanço dessa agenda. Se assim se mantiver, são incontáveis as vantagens para os países da região. Outro ponto positivo é a tomada de consciência dos governos do Brasil e da Argentina, evidenciada no aparelhamento dos Estados com secretarias especializadas em Indústrias Criativas, evidenciando uma nova postura em relação à importância de se participar de forma eficiente dessa nova economia.

Num contexto mais amplo, a construção de uma parceria estratégica entre Brasil e Argentina não é uma opção, e sim um imperativo. A integração e a interdependência entre as duas maiores economias do MERCOSUL significa estabilidade e prosperidade para região, além de ser um fator fundamental para responder de forma conjunta aos desafios que o novo ambiente internacional complexo nos impõe.

No entanto, desde a crise Argentina em 2001, apesar de sua contínua recuperação desde então e do papel ativo do Brasil como auxiliador no processo de superação dessa crise, a relação comercial entre os dois países vem acumulando desequilíbrios crescentes. Essa situação vem fazendo com que a balança comercial passe a pender favoravelmente para o Brasil, levando a Argentina a acumular déficits preocupantes para a sua saúde econômica e financeira. Essa complicada realidade vem obrigando o país a tomar medidas polêmicas como, por exemplo, a aplicação de entraves ao comércio bilateral com o Brasil como forma de administrar as distorções e nivelar o volume de trocas. Tais ações têm o objetivo de tentar equilibrar suas contas, que sofrem diretamente as consequências de um déficit em sua balança comercial em torno de 10 bilhões, sendo que destes, 6 bilhões corresponderiam ao superávit brasileiro¹⁸. Portanto uma solução mais imediata, evitando medidas artificiais de controle do comércio exterior, seria o incremento das compras brasileiras no país vizinho.

Nesse ponto, um efetivo aproveitamento do potencial multiplicador de um maior intercâmbio das indústrias criativas para o incremento das relações comerciais entre os dois países poderia ser uma potente ferramenta para harmonizar os desequilíbrios comerciais relatados acima. No entanto, para que esta seja uma alternativa viável, é



necessário que haja uma mobilização dos diversos setores da sociedade nos dois países, além de iniciativas mais consistentes do poder público.

A comunidade acadêmica também tem um papel fundamental nessa questão. A produção de estudos que acompanhem a evolução das indústrias criativas na região são extremamente importantes para o entendimento das dinâmicas desse setor, indicando os constrangimentos e investigando iniciativas que facilitem o florescimento dessas atividades. É fundamental que haja mais informações e reflexões aprofundadas sobre esse importante setor, que já é um dos principais motores da economia moderna. Portanto, é de grande importância que a academia esteja refletindo sobre o desenvolvimento de um segmento tão poderoso e dinâmico, desvendando suas características e potencialidades para a integração regional. Essa proposta de pesquisa se enquadra nessa tentativa de dar uma pequena contribuição para a análise de um tema que acreditamos ser tão crucial para o futuro de nossa região.

A consolidação de uma integração efetiva do Cone Sul passa fundamentalmente pela questão cultural e a construção de uma identidade compartilhada em torno do MERCOSUL. O grande potencial de geração de riqueza das Indústrias Criativas reforça as possibilidades de um projeto de integração cultural para a região, pois a “materialidade econômica da cultura permite viabilizar os desejos de aproximação dos povos” (SARAIVA, S in Indústrias Culturais no MERCOSUL, op.cit., pg. 17).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANCLINI, Néstor García. Latino-Americanos à procura de um lugar neste século / Néstor García Canclini; tradução Sérgio Molina. – São Paulo: Iluminuras, 2008
- CHANG, Ha-Joon. Hamlet without the Prince of Denmark: How development has disappeared from today's 'development' discourse - University of Cambridge, 2010
- HERZ, Mônica. Organizações Internacionais: história e práticas/Mônica Herz, Andrea Ribeiro HOFFMAN. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2004 – 3ª reimpressão.
- HOBBSAWM, Eric e TERENCE, Ranger. A Invenção das Tradições – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997
- Indústrias Criativas no Brasil / (coordenadores Charles Kirschbaum ... [ET al.])– São Paulo: Atlas, 2009.
- Indústrias Culturais no MERCOSUL / (organizador Gabriel O. Alvarez). Brasília: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, 2003.

- WENDT, Alexander. Anarchy is what States Make of it: The Social Construction of Power Politics - International Organization, Vol. 46, No. 2 (Spring, 1992), pp. 391-425
- LAMPREIA, Luiz Felipe. "Seminário sobre MERCOSUL". Resenha de Política Exterior do Brasil. Brasília, ano 21, nº76, set. 1 995.
- LESSA, Mônica. O Mercosul e o Ministério da Cultura do Brasil: 2003 – 2006 / Mônica Leite Lessa. VIII Simposio Y I Congreso Internacional: "Los procesos de Integracións em el âmbito regional y global. Uma mirada desde La perspectiva de los três continentes (America, Asia u Europa). Análisis Históricos y Coyunturales"
- LESSA, Mônica. Mercosul Cultural: desafios e perspectivas de uma política cultural. Artigo – Mural Internacional, Ano 1 nº2, 2010
- NOGUEIRA, João Pontes. Teoria das Relações Internacionais: correntes e debates / João Pontes Nogueira, Nizar Messari. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2005 – 5ª reimpressão.
- Revista Observatório Itaú Cultural/OIC - n. 3 (set./dez. 2007). – São Paulo, SP: Itaú Cultural, 2007.
- REEVES, Julie. Culture and international relations: narratives, natives and tourists / Julie Reeves. Canada: Routledge 2004
- RISSE, Thomas. Regionalism and Collective Identities: The European Experience (paper prepared for the workshop "El estado del debate contemporaneo en Relaciones Internacionales") , Buenos Aires, Argentina, July 27 – 28, 2000
- SANTOS, Raquel Paz - Relações Brasil-Argentina: a cooperação cultural como instrumento de integração regional - Est. Hist., Rio de Janeiro, vol. 22, n. 44, p. 355-375, julho-dezembro de 2009
- Unlocking The Potencial Of Cultural and Creative Industries. Green Paper. European Commission, In: www.ec.europa.eu/culture/greenpaper_creative_industries_en.pdf
- VELOSO, Mariza. O Poder da Cultura na Integração Sulamericana. Instituto de estudos socioeconômicos, In: WWW.inesc.org.br/biblioteca/textos/Le%20Monde%20Veloso.pdf
- YÚDICE, George. Industrias Culturales y Desarrollo Culturalmente Sustentable. In: www.gestioncultural.uabjo.mx/cuarto/desarrollo/22.pdf

¹ Período de distensão entre Estados Unidos e União Soviética durante a Guerra Fria

² As diferenças entre essas duas visões formaram as bases para o primeiro grande debate das Relações Internacionais, ocorrido no período entre guerras.

³ Globalização como processo de: "(...) intensificação de relações sociais mundiais que unem localidades distantes de tal modo que os acontecimentos locais são condicionados por eventos que acontecem a muitas milhas de distância e vice versa". (GIDDENS, 1990)

⁴ O Consenso de Washington se caracteriza por medidas impostas pelo FMI, aos países tomadores de empréstimos. Ele se caracteriza por: 1) disciplina fiscal; 2) redefinição das prioridades de gastos públicos, direcionando-os às áreas de atendimento básico à saúde, educação primária e infra-estrutura; 3) reforma tributária; 4) liberalização das taxas de juros; 5) adoção de taxas de câmbio competitivas; 6) liberalização do comércio externo; 7) liberalização dos investimentos externos diretos; 8) privatização das empresas estatais; 9) desregulamentação do comércio externo; e 10) garantia dos direitos de propriedade. (STIGLITZ, Joseph. Os exuberantes anos 90. Ed. Companhia das Letras: São Paulo, 2003.)

⁵ Adaptado do conceito de liquidez de Zygmunt Bauman

⁶ Indústrias com base na criatividade, habilidade e talentos individuais, com potencial para a geração de riquezas por meio da exploração da propriedade intelectual.

⁷ Conceito explorado por Fredric Jameson em sua obra: Cultural Turn: The Selected Writings on the Postmodern (1998).

⁸ www.itamaraty.gov.br

⁹ Conceito apresentado pelo professor João Luiz de Figueiredo no 1º Seminário de Economia Criativa da ESPM (2011)

¹⁰ REIS, Carla Fonseca. Economia Criativa Como Estratégia de Desenvolvimento: Uma visão dos países em desenvolvimento

¹¹ www.revistapesquisa.fapesp.br/?art=4518&bd=1&pg=1&lg=

¹² www.abpd.org.br

¹³ www.cultura.gov.ar/home/

¹⁴ www.capif.org.ar

¹⁵ www.sicsur.org/comercioexterior/results.php

¹⁶ www.ifpi.org

¹⁷ www.abpd.org.br/downloads/Final_Publicacao_09_2010_CB.pdf

¹⁸ Seminário FIRJAN "Brasil e Argentina: a construção de uma parceria estratégica"- Rio de Janeiro, 2012